A pior parte desse mundo não são as trevas...

Quando o ser humano se rebaixa ao ponto de dar forças a ela se vendo incapaz de continuar, achando que a única saída é morrer se torna suscetível aos comandos do inimigo, como uma pobre e inocente corda cuja criada para trabalho fora, mas ao cair nas mãos dos descrentes uma arma se torna.

A pior parte desse mundo não são as trevas, a pior parte é enxergarmos a luz, mas escolhermos viver sem ela!

...

Amigo do Cão

Tudo começou com uma perda de foco.

Respirar era uma missão quase impossível, pois o chão havia fugido de meus pés e o ar era rarefeito. Só me restavam trevas dentro daquele poço fundo e gélido que me afastava de todos ao meu redor.

Aos poucos todos se voltavam contra mim e meu, até então tolo, objetivo de vida. Fazer cinema não era para um qualquer feito eu, literatura menos ainda para um alguém sem estudo.

Meus dias eram formados de pirâmides traiçoeiras que me apresentavam escadas de esperanças para um novo mundo onde me realizaria, levavam-me ao topo, logo quando a um degrau do sol se transformava em um escorregador qual me trazia de volta ao solo rígido,vazia era minha existência.

Viver não era opção. Pessoas saiam, pessoas viajavam, viviam. Eu não! Eu vegetava e morria aos poucos frente a um computador bebendo café e escrevendo, em meu tempo livre.

Não conseguia fazer algo além daquilo. Aos poucos nem dormir direito ou correr nos sonhos podia. Estava sedentário e meu cérebro era notificado que meu corpo precisava de ajuda. Chorar dava vontade, mas não se postava de forma física, minhas lágrimas estavam encurraladas por pálpebras que persistiam em se colarem. O peito se fechava e a raiva desejava fugir pela boca. Como vomitar se a comida não descia para ter o que voltar?

Abrir mão estava fora de cogitação.

Em todos esses anos boa parte da vida era insossa. Sempre achei que aquilo não passava de uma brincadeira sem graça de Deus, mas a culpa sempre foi minha. Buscava, lutava, caia e levantava para cair de novo. Isso sem a noção de que o principal nunca fazia, não estudava. Então tudo se tornava vão.

Assim seria impossível alcançar meu objetivo, contudo cego não enxergava o motivo de tanta dor.

A pior parte era a raiva que guardava da vida, pelas pessoas que perdi, que o crime roubou de mim.

Rancor é uma faca de duas pontas, algo que te consome aos poucos - como um buraco negro.

Assim fiquei por anos conquistando e perdendo e vendo que o pouco que tinha de nada me servia.

A depressão travou ainda mais minhas pernas e sair da cama era inútil, o mundo era cinza, a noite permanente.

Apenas me faltava uma cova porque precisava de terra na cara, infelizmente desistir não era para pessoas burras e a ajuda veio de baixo.

Pedi ajuda ao "Diabo" (amigo meu de muito tempo).

Marco mexia com de tudo um pouco pelo crime: armas, tráfico, prostituição. Tudo o que era ruim era com ele.

Ele sempre dava um jeito!

Seu vulgo era para nunca esquecerem a função do malandro.

Em troca fiz meu "Adeus" em São Paulo, como uma via de mão dupla, Diabo me jogou para outra ponta do país.

...

E então o sol surgiu e a grama ganhou cor. A terra ainda úmida engole o orvalho a cada gota.

A chuva já foi embora e sou grato por sua passagem.

Por limpar meus caminhos e purificar meus pecados!

"Jesus, sou o calo de teu pé inchado. Tudo aquilo que te atrapalha ao carregar a cruz."

Disse que tudo foi ele quando sai de Rolim e o encontrei em Pimenta Bueno.

Fora minha primeira experiência direta com aquele. O espírito santo baixou em um senhor caucasiano, abraçou-me e sussurrou no pé de meu ouvido que a rua não era meu lugar, mas que tudo iria ficar bem porque a partir dali ele iria tomar conta de mim.

...

Passei dois dias na casa de um amigo e mais dois na estrada até Rondônia.

Ao descer daquele ônibus me vi em uma nova vida onde tudo iria dar certo, pois desde o inicio meu objetivo era a todo tempo pensar positivo. Não sai de casa à toa.

Vim a esse estado para cuidar de um terreno e vende-lo por trinta mil reais do qual metade seria para investir em meu trabalho cinematográfico com uma produtora que me vendeu sua assinatura por oito mil, na época.

Cheguei sabendo que não seria fácil, por outro lado também não seria impossível.

"A única coisa boa que cai do céu é água, o resto se cair te matar." - Repetia constantemente.

Minha fé sempre foi falha, com o tempo parei de acreditar no que dizia.

Aquela pareceu que caiu do céu enquanto cruzava a rua com seu vestido curto. Chamei sua atenção com um grito nasalado de fora para dentro, encontrou-me com os olhos, pedi desculpas deixando claro que não agüentei. Sorriu em resposta.

Uma qualquer de carro que passava dentre nós bradou que eu era pervertido.

Embora muitas outras tenham cruzado meu caminho até então sei que não preciso de mulher, preciso corrigir minha vida e fazer meu trabalho para se um dia tiver que morrer cedo ao menos morrer realizado e se para isso tiver que morar na rua de novo sem sombra de dúvidas o farei.

E não reclamaria, sem ironia.

Em oito de janeiro estava de novo envolto pelo sereno.

Para alguém que desde cedo quis ser dono do próprio nariz morar na rua não é ser independente, contudo muito melhor do que ficar morando de favor.

Onze de janeiro, passei a noite na casa do Souza cujo fora um dos muitos que acreditaram, de cara, em minha palavra quando Nego-Boi se meteu a besta de com suas burras palavras querer me matar.

(Queria tanto matar aquele Boi.)

Dizem-me que para todo ser vivo há um anjo de guarda.

Creio no meu com todas as minhas forças, não sei se ele ou algo mais poderoso andou espancando meio mundo por mim, mas algo nunca me abandonou. Sempre esteve ao meu lado quando mais precisei, zelando por mim, e não fora diferente nesse caso.

Nunca me interessei por mulheres que vendem o próprio corpo.

Três meses e doze dias se passaram desde que cheguei a Rondônia.

No dia vinte seis de dezembro acordei em paz como nunca antes.

Não estava morando na rua já há três meses e cinco dias. Passei à tarde em casa e ela fora agradável.

Minha falta de sorte chegaria pela noite como de costume.

Pedi a Ele que ao menos aquele dia fosse diferente, que aquele dia terminasse tão bom quanto começou.

Quando o sol se escondeu dei a cara a tapa.

Nego-Boi e Pato-Roco como sempre me receberam bem em sua tenda.

Uma face nova no recinto conquistou minha atenção, cumprimentei-a também.

Outro que não conhecia ali era Wellington quem se apresentou em seguida.

Já-Morreu - um amigo de muito tempo - apertou minha mão, Wellington fora direto ao dizer que estava na cara que eu tinha gostado dela, uma explicação desnecessária, para todos tal fato era nítido.

Ele só não notou que era recíproco até ela se deitar em meu colo e me pedir em murmúrio que a beijasse.

Disse a todos que a tarde dela fora a pior de sua vida: apanhou da polícia ao denunciar que pela manhã dois homens roubaram seu celular. Desejava que sua noite ao lado dos amigos fosse se possível a melhor de todas.

Fiquei em dúvida, mas deixei passar.

Algumas horas mais tarde passou a reclamar que seu corpo não se agüentava de pé por conta dos hematomas. Pediu-me para deitar ao seu lado, não queria ficar sozinha na barraca.

Pato-Roto e Nego-Boi vociferaram.

Sintam a ironia!

Ambos me mandaram sair da tenda deles, segundo eles: eu precisava ser mais humilde.

Em palavras, creio, que mal escolhidas ambos me respeitavam, gostavam muito de mim, porém não iriam aceitar aquilo na cantina deles. Lúcia saiu em seguida, queria estar em qualquer lugar comigo que não fosse ali e embora ambos quiséssemos foi mais difícil do que aparentava.

Nego-Boi e Pato-Roco nos infernizando com mentiras sem pé ou cabeça, notei suas intenções.

Comando nenhum iria ali as quatro da madrugada para falar comigo, pois uma de suas mentiras é que o vermelho queria saber através de mim quem fora o indivíduo que o roubara à vinte sete horas atrás.

Por via das dúvidas esperei até as quatro horas e vinte três minutos para então levá-la para casa.

Aproveitei a chance que tive de fugir com ela quando um homem alto apareceu bêbado e usando saia.

Todos incluindo Paraguai levantaram para bater nele, levantei para correr dali com ela.

Nego Boi ignorou os demais e, inutilmente, correu atrás de nós.

Encontramos Já-Morreu que pouco antes havia saído para comprar cigarros, ofereceu-nos um e me avisou para ficar esperto. Entendi o que ele quis dizer.

Devido ao horário não encontramos taxi. Andar era única opção e embora tivesse aceitado ir comigo na metade do caminho já sem paciência queria dormir nas calçadas para não precisar forçar seus pés machucados, a convenci a chegar lá. Dormiu só de camisa e pela manhã me tratando com carinho me pediu um taxi. Nossos caminhos se distanciaram de forma a não mais se encontrar.

Pela noite tornei a cantina do Boi, Roco ríspido mal falou comigo; escolhi não ficar.

Ao chegar na praça dos imigrantes, muitos outros estavam por lá e me senti mais à vontade ao lado deles, embora tenha decidido dormir mais cedo.

Imagine o cosmos.

Imagine quanto tempo uma estrela demorou em se formar e quantos anos mais até a formação de um planeta para então estarmos aqui desfrutando dele. O tempo voa e quando menos esperamos as máscaras caem.

Na noite seguinte Boi e Paraguai conversavam na barraca. Sentei-me frente a ambos e as indiretas começaram. Roco estava em Espigão do Oeste atrás de sua fortuna de cento e cinqüenta reais mensais, dito por ele era o suficiente para comprar o amor da maior cafetina de Rolim de Moura.

Ela era louca para arrancar ele daquela vida de rua, drogas, cachaça e casar com ele pensando apenas em seu dinheiro.

- Ele não ta nada bem com você pelo que você fez com a menina. Eu, ele e o Paraguai encontramos ela na rodoviária pela manhã. Tava com a cara machucada. Disse que você tentou pegar ela a força. Jack Safado! – Bradou

- Não. Tudo mentira! – Refutei

- Ela tava com sua bermuda porque a dela tava suja. Com a cara machucada e disse que foi você. Ela não mentiu, ela não menti.

- Ela tava com a minha bermuda e chinelo. Se eu tivesse tentado algo contra ela porque acha que emprestaria algo pra ela? Deixa de ser burro.

- Isso mesmo! Emprestou, mas estuprou ela.

Paraguai confirmou tudo, o tempo todo se contradizendo por medo.

- Vou provar que não fiz nada com ela. E depois vou conversar com você. Mas quando tiver são, porque não gosto de covardia.

- Ta me ameaçando?!

- Entenda como quiser! Se você é louco sou mais ainda.

Paraguai quis apaziguar a situação e confuso acabou falando no número dela, pedi. Disseram que não me passariam.

- Se não me passar por bem, vou tomar. - um sorriso se postou em minha face.

- A mulher já foi embora. – Paraguai demonstrou medo.

Odeio quando me tiram do sério, é muito fácil me tirar do sério.

Imagine o cosmos, Deus com sua infinita sabedoria e o ser humano com sua incontrolável burrice. Junte os três agora e veremos que fora uma terrível conseqüência a colisão de dois corpos celestes, um saiu do inferno para parar em Rondônia onde se meteu a besta de provocar um alguém quem não conhece bem e que odeia ser ofendido, outro acredita que matar é fácil, difícil é ficar calado e ter de suportar o tal do egoísmo.

Desejava muito agir como um meteorito, cair em cima dele e sem culpa explodir sua cabeça contra o chão, mesmo levando em consideração minha amizade com Henrique, mas acreditei que alguém tão escroto quanto ele só podia ser abençoado por um ser mais forte que eu. Tão forte que me deu a paz e controle necessário para esquecer aquela burra vontade de estragar minha vida naquele momento.

Desci para a Matriz e passei a noite bebendo com os amigos.

Pela manhã todos três me encontraram ao passarem pela praça.

Roco que havia acabado de chegar na cidade como de costume se cresceu batendo nos fracos.

Hoje, infelizmente, uma das melhores pessoas que conheci naquela maloca não se encontra entre nós.

Panda quem fora brutalmente assassinado, foi o primeiro a apanhar dele.

Ele é esperto o suficiente para saber que não pode pisar em terreno desconhecido, por conta em momento algum se mostrou grande coisa sobre mim, porque não me conhecia o bastante para saber se apanho calado.

Gente como ele não vai muito longe na vida. Pião não é bicho que aceita tapa na cara como se fosse carinho de mãe, carinho do Roco.

Como qualquer outro que o conhecesse sabia que outrora ele iria encontrar alguém que o derrubaria, ao chegar no Espigão tive essa certeza. Disse-me que pouco depois do ocorrido ao se envolver em uma briga dois caras pegaram ele e espancaram, como já imaginava o brabo apanhou calado.

Infelizmente para ele essa surra não o doutrinou, recomendei mais uma.

No caso dele só a morte dá jeito.

Não vai tardar em acontecer, espero.

...

Magrela

Dois dias desde que pisei em Espigão, conheci uma mulher gestante. Ela é linda, e o que tem de linda tem de louca. Não passa de uma amiga cuja pensavam que tinha algo além de respeito e admiração.

Aquela roda de amigos apenas encontrava-se desprovida de informação.

Gosto muito dela, todavia era como uma irmã, principalmente por eu não gostar de mulher casada.

O marido dela podia estar preso, meu caráter não, prefiro roubar e trocar tiro com a polícia.

Embora me lembrasse um pouco, não era como ele, prefiro mil vezes sua amizade do que a do Roco.

Ambos quando bêbados gostam de bater na cara de pião, não tive mais de um atrito com ela. A única vez em que levantou a mão ao encontro de minha face bloqueei seu tapa e coloquei minha fenda em seu pescoço. Falei para não duvidar de minha capacidade, não sou igual aos demais com os quais estava acostumada.

Ficou na praça chorando quando fui para a casa de Falcão passar a noite bebendo com ele e seus filhos.

Arrependido de tal ato, quando a notícia de seus prantos chegou a meus ouvidos, desejei do fundo de meu coração que aquele tipo de coisa nunca tivesse acontecido entre nós, mesmo ela precisando de uma prensa e só o fiz, pois a um tempo atrás no decorrer de uma semana encontrei quatro trecheiros com faca na sinta esperando ela chegar.

Embora o tempo tenha passado ela não aprendeu a respeitar sua vida.

Pião não é bicho do cão como dizem,de fato muitos não tem o que perder e poucos não ligam se vão matar ou morrer.

Sempre falo que a covardia é a defesa dos fracos, infelizmente Roco não aprende que hora ou outra um desses fracos nos quais ele tanto bate vai meter a faca nele. Por isso tento relevar e deixar no passado o mal que me fez. Porque quando ele morrer muito provavelmente será em minha frente, e eu não vou precisar me sujar, apenas contemplar a arte do homem imposta pela raiva.

Pensei em deixar Boi no passado, mas como esquecer aquilo se tenho uma mania desnecessária de me apegar ao que deveria ser inútil.

Para que não torne a acontecer eu precisava cobrar com sangue. De preferência torturá-lo durante horas e quando me cansar tratar dele para que viva e se iluda com uma possível saída de minhas mãos com vida, mas ao achar que estaria tudo bem, eu começar tudo de novo - unha por unha, dedo por dedo, para finalizar gostaria de tirar toda sua roupa, fazer uma calda de açúcar, levá-lo para o mato, colocar sentado sobre um formigueiro e derramar a calda ainda em ebulição, em sua virilha.

Descobri que ele é estuprador e confirmo, com tanta certeza quanto tenho de que não me encaixo nessa ala escrota de animais.

Poucos meses no futuro após o ocorrido com Lúcia (Boi saiu da cidade), conheci um senhor, havia acabado de sair da cadeia, seu objetivo em Rolim: matar o Boi.

Com a benção da irmã mais velha dele; segundo ela Boi estuprava sua sobrinha de três anos de vida.

- Desgraçado, miserável... Se eu já tinha nojo dele imagina agora.

- Meu motivo maior pra estar aqui é justamente esse, Tom. Já saí de lá só o ódio porque o desgraçado mexeu com a minha mulher, mas quando fiquei sabendo disso falei que ia matar esse cara. Então já te falo logo, meu moleque. Se você realmente quiser matar esse cara acelera porque a fila ta grande.

- Puta merda, véio. - pensei alto.

- To te falando. Vim aqui atrás dele e já to saindo fora. To nem aí pra você, não. Se ficar pra traz vai perder sua mão.

Não podia sair da cidade no momento, meu psicológico se perdeu ainda mais, mesmo depois de entrar para a igreja essa vontade persistia em meu peito.

A única coisa que eu pedia a Deus era para deixá-lo viver, até que eu mesmo o matasse.

Deus não atendeu meu pedido, talvez porque ele seja bom demais ou porque ele gostava menos de mim, agora não importa porque hoje Deus não faz muita diferencia em minha vida.

Por um tempo até não ligava tanto para o que tentaram fazer com meu nome.

Agradecia a meu anjo guardião da mesma forma, pois quando quis fazer ele me mostrara a melhor opção, que era não me sujar com merda.

Um tempo depois eles ainda se lembravam de meu sorriso. Paraguai muito provavelmente, nunca se esquecera da forma como o torturei para arrancar o número que guardava.

Perto deles Paraguai ganhava uma coragem que não era dele. O chamei para conversarmos a sós, Boi se encontrava na praça.

- Se não me der vou pegar à força! – Tentei deixar claro.

Naturalmente quando o cérebro não trabalha direito o tímpano não funciona.

Chamou Boi para perto dele e ambos caçoaram.

Não havia nada que poderia fazer além de pedir ao capeta para ter um tempo com ele, já que Deus não atendia.

Esperei, pela tarde Boi subiu à sua tenda e além da maloca curtida na pinga, enfim éramos só nós dois. Sem Boi ou Roco por perto comecei em meu ofício.

- Me tira uma dúvida. Você já tomou um tiro? Facada? Você sabe como é... Sabe como é uma hora você estar bem e na outra senti uma dor incontrolável no peito... Sentir uma lamina fria perfurando sua pele. E então o coração acelera, mas ele não pode bater porque a cada pulsação ele colidi com a ponta da faca que ainda está dentro de você... E então você começa a cuspir sangue... Aquele sangue que sobe pela garganta já deixando o gosto na boca e então você é obrigado a cuspir ele ou então só começa a babar, sabe? Sabe como é morrer sufocado com o próprio sangue? Se afogar de dentro pra fora.

- Não! Porque tá me perguntando isso? – Demonstrou desconforto.

- Só pra saber. Nunca pensou como seria se um dia você mexesse com a pessoa errada e ela cansada da vida lhe metesse a faca e te rasgasse todo, da bacia ao pescoço?

- Não e nem quero saber! Dá pra parar com isso?– Era o medo me mostrando sua face.

- Não dá! - Elevei o tom.

- Por quê você ta me falando isso?

- É porque ele quer o número da mulher que está com você. Passa o número pra ele que ele para. – Valdecir se meteu.

- Não vou passar! – Até que foi persistente para alguém que estava quase chorando de medo.

- Vai sim. Vai porque não tem outra escolha... Porque se não me passar vou te matar nem que seja aqui e agora com minhas próprias mãos... - sussurrei ao pé de seu ouvido - vai porque não tenho nada a perder e pra mim te matar falta menos do que você imagina... – arrastava pronuncia – Vai ou vai porque to loco pra pegar você e arrancar uma unha, quebrar seu dedo, arrancar seu dente com alicate de fio que tenho ali bolsa e te estuprar com ele, mas antes vou enfiar três agulhas debaixo de cada unha pra você aprender o que é dor.

Passei raiva por muitos anos, algo que até então não desejava nem a meu pior inimigo fora as conseqüências que vieram a partir dela. Meus músculos, ossos do tronco e braços doíam, incessantemente.

Lembro como se fosse ontem, de cada palavra dita e cada dor que veio em seguida. Compensou muito já que no final alcancei meu objetivo, sem precisar de muito.

- Para com isso, por favor.

- É muito fácil me tirar do sério, mas lidar com as conseqüências que viram em seguida não é pra qualquer um. Por isso evito briga ao máximo, muito além do possível, porque quando é pra ser, eu faço! - Avisei.

O desconforto tomando conta do corpo dele gratificou meu espírito de forma como nunca senti antes.

Senti-me como um demônio, por mais perturbador que isso pareça me senti bem com aquilo.

Lembro-me dele acuado em minha frente como uma presa ante ao pior dos monstros.

Lamentavelmente não falei tanto quanto gostaria, Paraguaí era um homem fraco, covarde por natureza.

As vezes as pessoas não entendem porque sou tão calado. Acontece que sempre respeitei para ser respeitado, embora vez e outra o silencio não fora o suficiente para evitar atrito indesejado.

Hoje, ainda penso porque ele não quis saber como seria ficar no meio do gelo com seus ossos sendo moídos, tinha um cassetete de madeira em casa.

Paraguai, é uma criatura muito fraca; não sei porque se mete a besta de querer ficar em meio a tanta gente escrota sendo que no dia em que for necessário de ele matar alguém vai morrer de tanto vomitar antes mesmo de tentar.

Queria me iludir com a idéia de que tinha, a partir de então aprendido a lição. Alguns meses depois saiu da cidade deixando sua filha para trás para ir de volta ao colo de sua mãe. Nunca mais o vi, deve estar mamando a essa hora.

Dizem que o ser humano acredita em uma teoria para a qual a fonte da vida é o coração, contudo estão enganados, pois todos sabemos que sua fonte de fato é o cérebro. Já a do Paraguai, hoje é o peito da mãe dele.

Se eu um dia aprender que após a morte do corpo o cérebro permanece ativo por mais sete segundos, iria usar esses sete segundos para torturar fisicamente o Boi pelas próximas quatorze horas.

Infelizmente não posso ir cuspir em sua cova, se eu soubesse em qual terra ela se encontra, essa história mudaria.

Vejo que era apenas uma forma que achei de pôr para fora todo o ódio que sentia desde o momento em que pisei em Rolim e vi minha vida desandar por conta de uma falsa promessa que me tirara de perto de minha família para tão longe de meu estado.

Através da raiva que aquela situação me provocou me livrei de um enorme peso que me travava novamente em meus sonhos.

É difícil não poder correr. Você precisa fugir para qualquer lugar longe dali e embora você sue dando o máximo de si, cansando suas pernas; o coração dispara não só pelo esforço físico, também pelo desespero de sentir seu corpo pesado e saber que tudo aquilo que está evitando está se aproximando a cada segundo pelas costas, se for uma faca te mata.

Se tivesse uma faca eu o mataria.

Aceito tudo o que aconteceu comigo desde que sai de casa com minhas pernas; ter morado na rua, o frio, a fome que já saciei com lixo. Os dias sem banho eram os piores até essa frustrada tentativa do Boi. São apenas conseqüências de uma carga que enfiei em meu caminho.

Eu escolhi fazer cinema e correr atrás disso a todo custo então não me arrependo de Rondônia. Ela também me apresentou ótimos momentos formados ao lado de ótimas pessoas.